

## REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DA MUSICOTERAPIA EM GRUPO

### REFLECTIONS ON THE PRACTICE OF GROUP MUSIC THERAPY

*Rosemyriam Cunha*<sup>1</sup>

---

**Resumo** - Este trabalho apresenta uma revisão de literatura e uma proposta de articulação teórica sobre a musicoterapia em grupo. A revisão mostrou o contexto dos manuscritos publicados sobre o tema, nos últimos dez anos, nas línguas inglesa, portuguesa e espanhola. Um total de 240 resumos foram lidos e organizados em quadros conforme a característica dos textos, dos participantes e da área de saber dos periódicos. Após a organização dos textos em um painel e dos comentários sobre as publicações, foi tecida uma articulação teórica baseada em autores como Even Ruud, Mercedes Pavlicevic, Milton Santos e Thomas Turino. Essa construção destacou sete marcas do espaço grupal musicoterapêutico: o compartilhamento que potencializa a participação das pessoas de acordo com suas possibilidades de ação; o espaço grupal musicoterapêutico como o locus da expressão da coletividade, sem que a individualidade seja desconsiderada; a presença do/a musicoterapeuta; a consideração do tempo de elaboração do participante para entender-se na execução e colaboração com os demais na ação grupal; as especificidades da música que permeia o espaço relacional do grupo; a estimulação da cognição sensível; o processo grupal fundado em técnicas e procedimentos da musicoterapia.

**Palavras-Chave:** musicoterapia, grupo, espaço grupal musicoterapêutico, teoria da musicoterapia em grupo.

**Abstract** - This work presents a literature review and a theoretical proposal on music therapy group practices. The review showed the context of the English, Portuguese and Spanish manuscripts published on the topic along the last ten years. A total of 240 abstracts were read and organized in charts according to the characteristics of the texts, the participants and the area of knowledge of the journals. Following both the organization of the texts in a panel and the commentaries on the publications, a theoretical articulation based on authors as

---

<sup>1</sup>Musicoterapeuta. Professora de curso de graduação em Musicoterapia UNESPAR - Campus de Curitiba II. Doutora em Educação (UFPR). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0536970443232460>. Contato: rose05@uol.com.br

Even Ruud, Mercedes Pavlicevic, Milton Santos e Thomas Turino was woven. The theoretical construction highlighted seven marks of the group music therapy space: the shared and participative musical action; the music therapy group space as a locus where the participants can collectively express themselves although individuality is also considered; the presence of the music therapist; the recognition of the participants' time and individuality; the specific nature of the music that permeates the group space; the sensitive cognition stimulation; the foundation of the group process on music therapy techniques and procedures.

**Keywords:** music therapy, group, group music therapy space, group music therapy theory.

---



MUSICOTERAPIA

## Introdução

A interação com grupos foi sempre uma constante na trajetória de meus fazeres musicoterapêuticos. Desde os estágios da graduação, quando optei por trabalhar com pessoas idosas, a prática da musicoterapia em grupo me instiga. Segui, depois, por mais de quinze anos criando grupos e formas de interagir com a diversidade que cada um deles apresentava, coordenei um projeto de extensão que agregava pessoas da comunidade, seus familiares e os alunos estagiários do curso de graduação da instituição onde trabalho. Foram oito anos de Encontros Abertos de Musicoterapia, inventando e confirmando metodologias de trabalho intercomunitário. Atualmente, coordeno outro projeto, desta vez levando a prática grupal musicoterapêutica para escolas da cidade na companhia de uma equipe de alunos integrantes da proposta.

Os mais de 20 anos de trabalho fizeram crescer a inquietação sobre as estratégias que utilizamos na interação com grupos e os recursos teóricos disponíveis para apoiar nossos fazeres. Mais do que isso, o tempo de prática aumentou a sensação de que as teorias de grupo vindas de outras áreas de conhecimento não preenchiam as necessidades e nem explicavam os eventos vivenciados na realidade da prática grupal musicoterapêutica. No decorrer da jornada, a perspectiva sociológica de Even Ruud (1998) e o pensamento comunitário de Mercedes Pavlicevic (2006) deram sentido à forma de trabalho que consegui implementar. Impossível pensar nas interações musicais grupais sem enxergar o ser relacional e o contexto social que se manifesta no seio da grupalidade.

Em 2010, em parceria com a professora Lisa Lorenzino, construímos uma ótica de apreciação do ambiente da prática musical em grupo que chamamos por aspectos afetivos, sociais, físicos e cognitivos do fazer musical coletivo. Esse trabalho foi uma tentativa de colocar a dinâmica interacional grupal em uma divisão didática que permitisse, ao fracionar o todo e entender

as partes, construir uma nova visão da totalidade (FREIRE, 2005). Desde então, a busca por uma compreensão dos eventos que acontecem quando as pessoas se reúnem para tocar e cantar coletivamente continua viva, principalmente quando essa ação acontece no espaço musicoterapêutico. Este trabalho apresenta, de forma sucinta, as reflexões tecidas no decorrer desse tempo de fazeres e questionamentos.

### **Painel Literário**

Para iniciar a reflexão, está disponibilizado a seguir, um painel que resume os trabalhos sobre a musicoterapia em grupo publicados nos últimos dez anos. Trata-se de uma revisão de literatura que considerou os manuscritos cujos títulos e/ou resumos apresentaram os termos “musicoterapia e grupo”.

A busca foi realizada no Portal de Periódicos Capes com as palavras “musicoterapia e grupos” para as publicações na língua portuguesa e espanhola, e “*music therapy and groups*”, para os artigos em inglês. Como nenhum artigo da Revista Brasileira de Musicoterapia (RBMT) foi encontrado na sondagem, optou-se por fazer uma busca manual nesse periódico e também na InCantare, de forma a incluir, na revisão, os dois periódicos brasileiros especializados na nossa área.

O total dos dados reunidos foi tematizado e organizado em três categorias: a) conforme o caráter da publicação: relatório de pesquisa, relato de prática, revisão de literatura e proposta teórica; b) a população dos grupos: famílias, crianças, jovens, adultos e idosos; c) a área de conhecimento do periódico e publicação: específicos da musicoterapia, medicina, psicologia, psiquiatria, arte e música, gerontologia, enfermagem e pediatria.

Esta sistematização pretendeu mostrar a abrangência da produção mundial sobre o tema no recorte escolhido, sem que a totalidade fosse um critério. Interessou aqui, o contato com a construção teórica sobre grupos de musicoterapia nos últimos dez anos.

### *Music Therapy and Group*

Com o descritor *music therapy* e a palavra *group*, no Portal de Periódicos Capes, foram encontrados 22.300 textos. A busca selecionou os artigos que figurassem os termos *music therapy* e *group* no título ou no resumo. Como a totalidade não era um critério para essa revisão, optou-se por fazer um recorte no número de manuscritos encontrados de forma que houvesse pouca discrepância entre o número de textos acessados em português e espanhol, no mesmo portal, que somaram 170. Assim, para otimizar a presente revisão, chegou-se a selecionar os 200 primeiros trabalhos listados no Portal, na língua inglesa. A seguir estão organizadas, em quadros, as informações obtidas.

<b>ARTIGOS PUBLICADOS NO PORTAL CAPES EM INGLÊS</b>			
	Total: 184	Participantes	Periódicos
Relatório de pesquisa	124	Adultos: 75 Idosos: 15 Jovens: 11 Crianças: 11 Família: 3	Medicina: 22 Psiquiatria: 19 Específicos: 17 Psicologia: 14 Música, arte, terapia: 13 Enfermagem: 11 Gerontologia: 6 Pediatria: 3
Relato de prática	24	Adultos: 10 Jovens: 5 Crianças: 4 Idosos: 2 Família: 1	Específicos: 16 Música, arte, terapia: 5 Métodos qualitativos: 1
Revisão de Literatura	1	<b>Temática</b>	Específicos: 1
		Práticas interprofissionais que colaboram com a da musicoterapia;	

# MUSICOTERAPIA

Construção Teórica	8	Modelo de prática musical; Papel da musicoterapia na intervenção com crianças com autismo; Conceitos de Musicoterapia Comunitária; Conceituação de processo de grupo; Música e conflitos de identidade; Música como criação humana; Musicoterapia na recuperação da saúde.	Específicos: 8
Trabalhos Repetidos	27		

Quadro 1: Informações dos textos em inglês selecionados no Portal CAPES  
 Fonte: CUNHA, 2020

Para a construção do Quadro 1, um conjunto de 200 resumos foi lido. Destes, 184 se enquadraram nos critérios da busca. Destacaram-se, nesse total, 124 relatórios de pesquisa. É importante ressaltar que, nos relatos de pesquisa, o termo *grupo* assumiu duplo sentido. Houve textos em que os autores se referiram ao grupo como a reunião de pessoas envolvidas no fazer musical coletivo em um mesmo tempo e espaço<sup>2</sup>, sentido aqui preconizado. Já em outros, a palavra significava participantes individualizados englobados em grupos por apresentarem situação semelhante no contexto da pesquisa, como por exemplo, grupo controle, grupo de crianças que atingiram objetivos propostos. Essa última conotação de grupo não interessa para esse estudo, mas, como nos resumos nem sempre foi possível distinguir se os autores se referiam a um ou outro tipo de agrupamento, optou-se por contabilizar os trabalhos por se enquadrarem nos critérios de inclusão.

<sup>2</sup>Essa definição de grupo se baseia nas ideias de (Barbu-lurascu, 2010) que considerou o grupo como a reunião de pessoas que tem propósitos em comum no qual subgrupos e alianças entre os participantes emergem constantemente.

Dessa forma, a maioria dos manuscritos encontrados na língua inglesa são resultados de pesquisa quantitativa de delineamento experimental ou quase experimental. Em geral, nesses trabalhos, as palavras pesquisadas aparecem em relação a grupos controle e grupo de intervenção, mas raramente foi indicado se as intervenções ocorreram de forma individual ou coletiva. Quanto aos participantes, adultos e idosos foram os mais estudados; pesquisas com o grupo familiar figuram em pequeno número. Em relação às áreas em que os periódicos das publicações se enquadraram, a ênfase foi para a biomédica, em seguida, para os periódicos específicos da musicoterapia, *Voices: A World Forum for Music Therapy* e o *Nordic Journal of Music Therapy*.

Já nos relatos de prática, adultos e jovens foram os mais estudados, enquanto que o grupo familiar figurou em um trabalho. Esses relatos de caso apareceram mais nos periódicos *Voices: A World Forum for Music Therapy* e o *Nordic Journal of Music Therapy*. Já os oito artigos que apresentaram perspectivas de construção teórica articularam diferentes temas, apenas um foi dedicado para o processo grupal em musicoterapia (RADULOVIC, 2016). Infelizmente, apenas o resumo dessa publicação estava disponível. Quanto às revisões de literatura, um dos artigos do quadro se enquadrou nessa categoria. 27 textos eram repetidos.

No Quadro 2, disponibilizado a seguir, encontram-se organizados os dados relativos à busca por artigos publicados em português e espanhol, também no Portal de Periódicos Capes, entre 2009 a 2019. Um total de 170 textos emergiu com as palavras “musicoterapia e grupo”. Destes, 20 se enquadraram no critério de apresentar os dois termos no título ou no resumo. Também aqui, os relatos de pesquisa foram maioria. Repetiu-se a condição de não estar especificada a formação grupal nas intervenções quando os desenhos das pesquisas eram experimentais ou quase experimentais. Crianças e adultos destacaram-se nas populações estudadas, houve o predomínio dos periódicos da área biomédica. Interessante a presença de investigações no campo da odontologia com adultos e crianças. Os relatos de

práticas repetiram as mesmas categorias das pesquisas de campo: área biomédica concentrada em crianças e adultos. A única produção teórica versou sobre a dança na intervenção musicoterapêutica.

### *Musicoterapia e Grupo*

A seguir estão os dados obtidos com as palavras “musicoterapia e grupos”, referentes às publicações na língua portuguesa e espanhola.

ARTIGOS PUBLICADOS NO PORTAL CAPES EM PORTUGUÊS E ESPANHOL				
		Total: 20	Participantes	Periódico
Relatório de pesquisa	de	13	Crianças: 5 Adultos: 4 Idosos: 2 Jovens: 1 Família: 1	Saúde, medicina: 6 Odontologia: 2 Psicologia: 2 Educação, música: 2
Relato de Prática		4	Adultos: 2 Crianças: 2	Medicina: 1 Pediatria: 2 Psicologia: 1
Revisão de Literatura		0	<b>Temáticas</b>	
Construção Teórica		1	Dança em musicoterapia	Educação: 1
Trabalhos Repetidos		2		

Quadro 2: Informações dos textos em português e espanhol selecionados no Portal CAPES  
 Fonte: CUNHA, 2020

A busca manual realizada na RBMT e na InCantare revelou a produção de 20 artigos sobre a temática pesquisada. Dessa somatória, dez artigos eram relatos de pesquisa com ênfase nos participantes adultos e crianças. Os relatos de prática figuraram em número de quatro. Destes, três resumos não caracterizaram os participantes; o quarto indicou a intervenção com crianças. Duas revisões de literatura versaram sobre musicalidade e processos



interdisciplinares. A produção teórica tratou da improvisação, conceituação de comunidade e planejamento de intervenções no âmbito do processo grupal.

Acredita-se que outras produções sobre grupos em musicoterapia, principalmente as publicadas na RBMT e InCantare, possam não constar na listagem aqui apresentada. Esse fato se deu pela ausência dos termos de busca nos títulos ou resumos dos textos. No entanto, chamou a atenção a pouca produção teórica sobre os processos grupais de musicoterapia em relação ao significativo número de artigos que versam sobre grupos. Com isso procura-se ressaltar que a prática musicoterapêutica em grupos é um fato assumido no âmbito da profissão, porém contraditoriamente, o entendimento teórico dessa realidade tem sido pouco estudado.

<b>ARTIGOS PUBLICADOS NA RBMT EM PORTUGUÊS E ESPANHOL</b>		
Relatório de pesquisa	Total: 13	Participantes
	7	Crianças: 2 Adultos: 2 Idoso: 1
Relato de Prática	1	Crianças: 1
Revisão de Literatura	1	<b>Temática</b>
		Utilização da música por musicoterapeutas e outros profissionais em psicoterapia de grupo
Construção Teórica	3	1. Musicoterapia improvisatória com grupo de jovens. 2. Planejamento de intervenções grupais. 3. Conceito de Comunidade como construção de coletivos.
<b>ARTIGOS PUBLICADOS NA INCANTARE EM PORTUGUÊS E ESPANHOL</b>		
Relatório de pesquisa	Total: 7	Participantes
	3	Adultos: 3
Relato de Prática	3	---
Revisão de	1	<b>Temática</b>

Literatura		Musicalidade clínica em processos grupais
Construção Teórica	0	---

Quadro 3: Informações dos textos selecionados na RBMT e InCantare Fonte: CUNHA, 2020

### **Espaço Grupal Musicoterapêutico**

Há uma especificidade que precisa ser levada em conta quando se trabalha com grupos de musicoterapia: o espaço grupal é um espaço musical. Diferente de outros trabalhos em grupo, o movimento grupal musicoterapêutico se forma quando os participantes se expressam ao tocar, cantar e movimentar no ritmo que o próprio grupo produz. A comunicação se desenvolve mediada pelo fazer sonoro, por gestos e movimentos corporais, por trocas não verbais intrínsecas à produção sonora de cada grupo. Esse conjunto de códigos sonoros e gestuais, somados à presença de instrumentos musicais, forma o espaço grupal musicoterapêutico.

A ideia de espaço aqui adotada vem de empréstimo da geografia social cunhada pelo professor Milton Santos (2006). Ele definiu o espaço como o fenômeno que resulta da ação, da atividade que as pessoas fazem em determinado território geográfico. Assim, ao agir junto com outros para ouvir, tocar, cantar e movimentar-se no ritmo de uma produção sonora em comum, o grupo cria um espaço distinto e próprio da prática da musicoterapia: o espaço da prática grupal musicoterapêutica. As relações interpessoais e intrapessoais que acontecem nesse espaço, por consequência, são também matizadas pela ação que ali ocorre. São relações sociomusicais (TUOMI et al, 2017) que se concretizam na performance participativa (TURINO, 2008). O termo *relações sociomusicais* situa a especificidade do ato de fazer música no âmbito das ações humanas (TURINO, 2008; SMALL, 1998) que, quando em grupo, oportunizam trocas diversas entre os participantes. Entre as trocas estão o contato visual, a comunicação de gestos, a produção sonora simultânea ou em turnos, entre outras relações que caracterizam a atividade social.

Esta trama comunicacional acontece pela via performance participativa (TURINO, 2008), uma maneira de fazer parte da criação sonora em que cada participante colabora com o fazer musical coletivo com o recurso que lhe é possível. Nesse contexto, ações como bater palmas, produzir som instrumental ou vocal, dançar, olhar, ouvir, andar, ou apenas estar e fazer parte do grupo são consideradas formas de participação. Encontra-se nessa explicação, a primeira marca <sup>3</sup> do grupo musicoterapêutico aqui destacada: o compartilhamento que potencializa a participação das pessoas de acordo com suas possibilidades de ação sem que haja destaque para a execução um ou outro membro do grupo, e sim, para o espaço sonoro que todos juntos conseguem criar.

Por esta ótica, fazer música junto com outras pessoas, ou o fazer musical coletivo acarreta na comunicação expressiva que integra as pessoas (BARBU-IURASCU, 2010). Diferente de outros grupos, a integração aqui não significa coesão grupal, ou todos fazendo a mesma coisa ao mesmo tempo, pelo contrário, a criação sonora pode muitas vezes, destacar contradições, desencontros de ações (uns cantam, outros tocam, outros só observam), parte do grupo pode estar imerso na produção sonora, outra parte pode estar desinteressada no que acontece em determinado momento e voltar a criar sons em outro instante. Também pode acontecer que a produção agregue os participantes em ações uníssonas ou correlacionadas. Essa diversidade de manifestações evidencia o material que o grupo coloca à disposição do/a musicoterapeuta para que este/a entenda e trabalhe com aquele coletivo em específico. Independente de papéis, ou dinâmicas grupais, no espaço grupal musicoterapêutico, as diferentes formas de relação são consideradas *interações*, e revelam como os participantes dão conta da construção das relações sociomusicais.

---

<sup>3</sup> Marca no sentido do verbo marcar, que segundo o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (CUNHA, 2007) significa ressaltar, delimitar, firmar.

Esta visão entende que a participação no espaço sonoro grupal musicoterapêutico demanda dos participantes coordenação de movimentos do corpo, do pensamento e do sentimento. Essa dinâmica do pensar, sentir e agir (HELLER, 1985) se traduz em atenção, concentração, ativação da memória, associação de ideias, resolução de problemas, troca de turnos, troca de ideias, elaboração de sentimentos, expressão de pensamentos, criatividade, postura corporal, para citar alguns aspectos. Com isso, pode-se dizer que o fazer musical em grupo é uma ação complexa que acontece simultânea à criação do espaço sonoro musicoterapêutico.

A listagem das dinâmicas de pensar, sentir e agir, como a apresentada acima, é simples de ser escrita e parece se configurar naturalmente quando as pessoas tocam e cantam juntas. Porém, ao contrário, são atitudes particulares, individualizadas, que se movimentam no seio da grupalidade. Mesmo que um resultado grupal possa ser alcançado, cada participante, ao colaborar com a formação do espaço sonoro, vai expressar, por meio da música, das palavras e de atitudes, os pensamentos e sentimentos que resultam de suas próprias vivências. Essa é a segunda marca aqui sugerida, a produção musical do espaço grupal musicoterapêutico: as expressões acontecem na coletividade, sem que a individualidade seja desconsiderada. Esse conjunto de expressões se torna visível e audível graças ao contexto ambíguo, contraditório que a arte permite formar (VYGOTSKY, 1999). Sem que haja certo ou errado, as relações sociomusicais são apenas fatos que se manifestam no fazer musical.

Por esse entendimento, o grupo se torna um espaço expressivo democrático e horizontalizado que permite variadas formas de experimentar o mundo, de construir uma realidade diferente da vivida no cotidiano. Ele se constitui em um ambiente onde o compartilhamento se torna possível na troca de sentidos musicais pessoais e coletivos que, advindos da cultura, de experiências sociais prévias, marcam cada participante com suas histórias e cada grupo com uma sonoridade própria.

Os grupos musicoterapêuticos, em geral, são formados por pessoas que se envolvem no fazer musical com o objetivo de desenvolver e ampliar suas formas de ação e participação (RUUD, 1998) no meio em que vivem. Os grupos podem ser diversos na sua formação, como, por exemplo os intergeracionais e os comunitários. Por outro lado, formações mais homogêneas reúnem participantes de acordo com critérios como idade ou capacidade de desempenho de funções. Em comum, os grupos têm como referência o profissional musicoterapeuta. Daí se presume que os objetivos, as maneiras de interagir com os participantes, variam conforme a realidade grupal com a qual o/a musicoterapeuta se depara.

O/a musicoterapeuta é um/a profissional preparado/a para intervir e interagir nesse espaço de comunicação peculiar. Sua responsabilidade é entender o conjunto de mensagens e conduzir as informações obtidas para o desenvolvimento do processo grupal. Sensibilizado para escutar e estruturar sentidos à criação grupal age junto aos participantes e com eles compõem o espaço grupal musicoterapêutico. O/a musicoterapeuta tem o papel de sustentar a ação sonora em favor dos objetivos e anseios do grupo. Ele acolhe os eventos, trabalha causa e efeito, transita do verbal para o musical (RUUD, 1998), do concreto para o simbólico, na busca por fortalecer o potencial individual e coletivo com o qual trabalha. O/a profissional musicoterapeuta é a terceira marca do espaço grupal musicoterapêutico aqui destacada.

Nos grupos musicoterapêuticos, o fazer musical compartilhado nem sempre acontece de imediato. Há participantes que logo se conectam com o compartilhar, cantar e tocar; já outros precisam de um tempo maior de convívio para se sentirem à vontade nas interações e conseguirem participar da construção sonora. A construção do espaço musical, embora seja participatória, se revela processual e capaz de fomentar dinâmicas de pensar e agir que atuam na cronologia da formação do espaço. Conforme a influência desses detalhes no espaço grupal, os encontros podem ser fluidos, renderem relações sociomusicais antes não manifestadas, enquanto que outros se

desenrolam mais atados a interações periféricas ou na formação de subgrupos (PAVLICEVIC, 2006). Essas formas de expressão, as possíveis ao grupo no momento do encontro, podem ser vistas como partes de um processo que admite avanços e retrocessos. Essa é a quarta marca do espaço grupal musicoterapêutico a ser ressaltada: cada participante tem um tempo individualizado para se entender na experiência musical e na colaboração com os demais na ação grupal.

Pavlicevic (2006) explicou com detalhes as várias formas de presença e ausência que podem ser manifestadas pelos participantes em grupos musicoterapêuticos. Entre estas estão as físicas, mentais e emocionais. A autora conferiu igual valor para ausências e presenças. Seu trabalho sublinhou que uma forma de estar no espaço não é mais importante do que a outra. Assim, pode-se entender que as formas de participar no grupo criam avanços e retrocessos no processo grupal. É uma dinâmica que se desencadeia no rastro de formas expressivas diversas e possíveis que se concretizam nas interrelações. Presenças e ausências são acatadas por presentificarem o tempo que os participantes demandam para se sentirem em grupo no espaço do fazer musical. A partir desse movimento de avançar e retroceder, musicoterapeuta e participantes irão fortalecer as relações intragrupo. O desenvolvimento do espaço grupal musicoterapêutico depende do processo interacional de seus participantes. A ambição é que pausas, retrocessos e desenvolvimentos formem uma base segura para a construção sólida da autonomia e do protagonismo dos participantes.

A quinta marca que distingue o espaço grupal musicoterapêutico, na visão aqui construída, é a música que permeia as relações que ali ocorrem. As interações acontecem por meio de melodias, canções, ritmos e expressões corporais que são expressadas tanto nos padrões estéticos socialmente convencionados como por criações que fogem ao código musical e social formal. A concepção de música se alarga, então, nesse espaço. Nele, considera-se música a relação que acontece entre timbres, alturas,

intensidades, ritmos, gestos, emissão da voz em sonorizações, balbucios ou canções. A música pode ser pré-existente (já gravada ou veiculada na mídia) como também pode ser composta pelo grupo. De uma ou outra forma, ela reflete a formação grupal, os interesses e motivos que levam aquele coletivo, em específico, a se reunir e criar sonoridades. Resultante da ação das pessoas, essa música é um recurso vivido, experienciado no grupo em situações de convivência e partilha (TURINO, 2008). Ela influencia, impacta os participantes. Da mesma forma, ela, a música, é modificada pelo grupo tanto em relação à atribuição de sentidos, como em formas de cantar ou tocar. Ela permite que a grupalidade soe; é a sonoridade que situa o grupo em uma dimensão afetiva, cognitiva e de ação. O grupo é a geografia, a ecologia, a música é a ação que cria um espaço de ligação/religação entre os participantes. Ela se torna território compartilhado, ela assume uma concretude, outra pele, ela é ação que busca, provoca um resultado, uma reação. Ela é “território simbólico” (MAFFESOLI, 2007) de vinculação.

A sexta marca aqui proposta, é a estimulação da cognição sensível. O termo cognição sensível foi inspirado na argumentação de Pereira, Camargo e Stecz (2016) que defenderam a arte como uma forma de conhecimento. Esses autores citaram a sensibilidade, a percepção e a afetividade como importantes aspectos na construção de conhecimentos. A estimulação sensorial é um evento implícito à prática da musicoterapia. As sensações que os participantes percebem ao pegar na pele do pandeiro, nas cordas do violão, ao sentirem o toque de uma percussão rítmica sobre suas mãos, ao ouvirem timbres diferenciados, são elementos integrantes do espaço grupal musicoterapêutico e que desencadeiam sentimentos e pensamentos muitas vezes inéditos. Uma das características dos grupos musicoterapêuticos se funda na importância da sensorialidade para a construção de saberes e conhecimentos.

Os estímulos sensoriais fazem caminhos de memória (PEREIRA et al, 2016) que podem ser reavivados quando os participantes se envolvem nos processos de pensar, sentir e agir que ocorrem no espaço grupal

musicoterapêutico. Para dar sentido a sons ouvidos, a dinâmica cerebral se baseia nesses registros mnemônicos, ou seja, a memória trabalha em variadas direções e conexões (PEREIRA et al, 2016). A tarefa depende estritamente da capacidade da audição do material sonoro e das sensações táteis, visuais produzidas no grupo. O movimento da memória é diferente de pessoa a pessoa e desempenhado de acordo com a possibilidade de quem recebe os estímulos. Pereira et al (2016) destacaram que a dinâmica mnemônica sensível se funda na memória implícita. São sensações que muitas vezes não podem ser traduzidas em discurso verbal. Trata-se da memória de experiências e percepções.

Denominamos aqui esse conhecimento por *cognição sensível*, uma inteligência que envolve os saberes que são gerados a partir de órgãos dos sentidos, mas que “tocam a sensibilidade do indivíduo” (PEREIRA et al, 2016, p.76). É um saber que ocorre espontaneamente, no ambiente da cotidianidade, em atividades que envolvem objetos e pessoas. De acordo com os autores, essa memória tem efeitos profundos e duradouros pois o cérebro ocupa mais com o registro da memória implícita do que com outros tipos de memória (PEREIRA et al, 2016, p.77). As noções sugeridas pelos autores citados ressoam na visão social de Turino (2008) que percebeu as dinâmicas de sentir, pensar e agir amplamente potencializadas quando as pessoas se relacionam por meio da música em ações participatórias.

O processo é a sétima marca do espaço grupal musicoterapêutico a ser evidenciada neste texto. No decorrer do processo, prima-se pela regularidade dos encontros do grupo. Em geral, nos primeiros dias de trabalho musicoterapeuta e participantes combinam a periodicidade dos encontros, se semanais ou quinzenais, por exemplo. A regularidade visa fortalecer as relações sociomusicais dos participantes ao oferecer a segurança do retorno. Como os encontros musicoterapêuticos são fundamentados em técnicas e intervenções próprias ao saberes do campo, e em geral com a utilização de instrumentos musicais, a emissão da voz cantada e a estimulação da



movimentação corporal rítmica, o/a musicoterapeuta tem à sua disposição um certo panorama das experiências que poderão ser vivenciadas no espaço grupal. Dessa forma, os combinados, ou contratos, que se estabelecem no início dos processos, são voltados para o bem desenvolver das experiências sonoras.

Pavlicevic (2006) descreveu os procedimentos iniciais de processos grupais de musicoterapia no livro *Groups in Music*. Nessa obra também se encontram indicativos de formação grupal, como grupos abertos, semiabertos, fechados, grupos que se conhecem, que não se conhecem, institucionais ou particulares. Sobre o processo, a autora tratou da descrição destes como longos, breves ou de um encontro apenas. No conteúdo por ela tratado, as conversas sobre horários, local de reunião, uso dos instrumentos musicais, entre outros eventos, são pontos fundamentais a serem tratados.

No que se refere às técnicas utilizadas pelo musicoterapeuta, Ruud (1998) exemplificou que a recriação, ou reprodução de música já existente, pode ter potencial para expressar o que afeta os participantes, para revelar suas biografias musicais e para caracterizar a sonoridade do grupo. O autor considerou na improvisação, ou criação momentânea de trechos sonoros, potenciais caminhos para a mudança do grupo de um estado (cognitivo ou afetivo), para outro. Já a composição, o registro e manutenção de criações do grupo de forma que possam ser reproduzidas novamente na forma original, ele indicou como uma possibilidade para o grupo expressar o que o afeta e os anseios dos participantes. O importante é reafirmar que, sejam quais forem os procedimentos e intervenções, o processo musicoterapêutico se ancora em técnicas que são próprias ao trabalho musicoterapêutico e que facilitam a construção do espaço grupal musicoterapêutico.

# MUSICOTERAPIA

## Reflexões finais

Conforme a revisão de literatura mostrou, a produção de pesquisas e textos sobre a prática com grupos musicoterapêuticos é numerosa, principalmente na língua inglesa. Nos idiomas português e espanhol, os estudos são em menor número, porém a quantidade é expressiva. No entanto, a teorização a respeito da intervenção musicoterapêutica grupal é escassa. O fato contraditório, muita prática e pouca teoria, chamou a atenção.

Com apoio na revisão de literatura, constatamos que a pesquisa com grupos musicoterapêuticos aconteceu nas mais distintas áreas do conhecimento e com populações de todas as idades. As descrições das formações dos grupos deixaram a desejar, pois não foi possível identificar, na maioria dos manuscritos, se a intervenção foi grupal ou se os grupos foram arranjos da posição de participantes em conjuntos por semelhança: grupo controle, grupo experimental. De acordo com os relatos, as intervenções foram eficientes, porém, mais pesquisas foram solicitadas para validar os resultados apresentados. Os artigos que estruturaram reflexões teóricas sobre o trabalho em grupo de contexto musicoterapêutico versaram sobre dança, musicoterapia e autismo, conceituações em musicoterapia comunitária e processo grupal, articulações da musicoterapia com saúde, identidade e música.

Após mostrar os resultados da revisão, foi tecida uma articulação teórica que destacou sete marcas, próprias ao espaço grupal musicoterapêutico. Entre eles estão: 1) o compartilhamento que potencializa a participação das pessoas de acordo com suas possibilidades de ação (performance participativa para Turino); 2) o espaço grupal musicoterapêutico como o locus da expressão da coletividade, sem que a individualidade seja desconsiderada; 3) a presença e postura do/a musicoterapeuta; 4) a consideração do tempo de elaboração do participante para entender-se na execução e colaboração com os demais na ação grupal; 5) as especificidades da música que permeia o espaço relacional

do grupo; 6) a estimulação da cognição sensível, 7) o processo grupal fundado em técnicas e procedimentos da musicoterapia.

O trabalho musicoterapêutico com grupos tem se colocado como opção de intervenção, mas ainda carece de um discurso, próprio ao nosso campo, que explique suas especificidades e possibilidades de ação. O conjunto de ideias aqui apresentado, embora apoiado em teóricos da musicoterapia e de áreas afins, trata-se de uma proposição particular cuja intenção foi a de instigar discussões e construções teóricas futuras.

Aportes teóricos que fundamentem a construção do espaço grupal musicoterapêutico são uma demanda. Esse manuscrito pretendeu, mais do que ressaltar essa lacuna, colaborar com a produção sobre o assunto. Por esta ótica, o presente texto se coloca como um convite para a discussão e fundamentação desse tema com foco na especificidade da nossa ação.

## Referências

BARBU-IURASCU, Viorica. (2010). The social and relational aspects of making music. **Linguistic and philosophical investigations**, 9. Disponível em: [www.addletonacademicpublishers.com](http://www.addletonacademicpublishers.com). Acesso em: 25 outubro 2010.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2005.

HELLER, Agnes, **Teoria de los sentimientos**. 3ª edição Barcelona: Editora Fontamava, 1985.

MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

PAVLICEVIC, Mercédès. **Groups in music: strategies from music therapy**. London, UK: Jessica Kingsley Publishers, 2006.

PEREIRA, Luiz Fernando; CAMARGO, Marcos.; STECZ, Solange. **Arte e conhecimento tudo a ver!** Curitiba: Alvaro Borges, 2016.

RADULOVIC, Ranka. The application of music choice method in group of adolescents admitted in the institution of social care. *Nordic Journal of Music Therapy*, v. 25, n.1, p. 61-61, 2016. Disponível em: DOI: [10.1080/08098131.2016.1179977](https://doi.org/10.1080/08098131.2016.1179977). Acesso em: 20 de outubro 2019.

RUUD, Even. **Music Therapy**: improvisation, communication, and culture. Gilsum: Barcelona Publishers, 1998.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. 4<sup>o</sup>ed. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SMALL, Christopher. **Musicking**. The meanings of performance and listening. Middletown, Conn: Wesleyan University Press, 1998.

TUOMI, Kirsi, ALA-RUONA, Esa., Oldfield, Amelia. Literature Review of Early Childhood Music Therapy Between 1990-2012. **Voices: A World Forum for Music Therapy**, v.17: n.2, p.1-29, 2017. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.15845/voices.v17i2.888>. Acesso em: 9 setembro 2019.

TURINO, Thomas. **Music as social life**: The politics of participation. Chicago, Ill: The University of Chicago Press, 2008.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Recebido em 01/12/2019  
Aprovado em 11/04/2020

MUSICOTERAPIA